MANIFESTAÇÕES DE 13 DE MARÇO DE 2016: A DISCURSIVIZAÇÃO
DO ACONTECIMENTO EM TRÊS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Diérica Nunes da Silva¹
Lucas Martins Gama Khalil²

RESUMO: Este artigo objetiva refletir sobre a produção de sentidos em três matérias jornalísticas veiculadas por diferentes *sites* – G1, R7 e Esquerda Diário – acerca de um mesmo acontecimento: as manifestações que ocorreram no Brasil no dia 13 de março de 2016. Como base teórica e metodológica, o trabalho se fundamenta na Análise de Discurso de linha francesa. Verifica-se como as materialidades discursivas analisadas, devido às singularidades de cada formação discursiva, desencadeiam diferentes efeitos de sentidos. Tal perspectiva nega, por consequência, a suposta neutralidade/imparcialidade recorrentemente reivindicada por veículos jornalísticos, considerando que o discurso midiático, assim como qualquer outra prática discursiva, “constrói” a realidade, captando, transformando e divulgando acontecimentos.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Mídia; Efeitos de sentido.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the production of meanings in three news published by different sites – G1, R7 and Esquerda Diário – about the same event: the demonstrations that took place in Brazil on March 13, 2016. The theoretical and methodological basis of this work is French Discourse Analysis. It is verified how the discursive materialities analyzed, due to the singularities of each discursive formation, trigger different effects of meanings. This perspective denies, consequently, the supposed neutrality/impartiality recurrently claimed by journalism companies, considering that the discourse of media, like any other discursive practice, “constructs” the reality, capturing, transforming and divulging events.

Keywords: Discourse Analysis; Media; Effects of meaning.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe analisar o discurso de três matérias jornalísticas veiculadas em 13 de março de 2016, nos *sites* G1, R7 e Esquerda

¹ Graduada em Letras Português e suas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. E-mail: dierica.nunes@hotmail.com

² Doutor em Estudos Linguísticos. Professor do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. E-mail: lucas_mgk@hotmail.com

Diário, após a ocorrência de manifestações no Brasil relacionadas ao momento político do país. Dentre as reivindicações mais salientes nessas manifestações, podem-se destacar, por exemplo, os protestos a favor do afastamento da então presidente Dilma Rousseff.

A principal questão norteadora desta análise é: como se deu a produção de sentidos em matérias jornalísticas sobre a manifestação do dia 13 de março de 2016? A partir dessa pergunta inicial, podemos fazer outros questionamentos acerca da materialidade discursiva analisada: A escolha por determinado recurso linguístico e não outro proporcionou a emergência de quais possíveis sentidos? Quais formações discursivas entraram em concorrência no que concerne à discursivização do acontecimento em questão? Em que condições sócio-históricas de produção esses discursos emergiram? Considerando essas questões, partimos da hipótese de que os modos como os elementos linguísticos foram mobilizados em formações discursivas distintas legitimam, no processo de leitura, diferentes – e até mesmo contraditórios – efeitos de sentidos.

Este trabalho justifica-se, dentre outros fatores, por consistir em uma discussão acerca da produção de sentidos pela mídia, enquanto um Aparelho Ideológico de Estado. Esse aparelho, como afirma Althusser (1998, p. 70), “[...] desenvolve o papel da ideologia dominante [...]”, e produz efeitos no sujeito, que não escapa à interpelação ideológica. O presente artigo pretende contribuir também com os estudos acadêmicos em Análise de Discurso, visto que o jornalismo sobre política é um campo privilegiado para a observação e a análise de fenômenos discursivos relacionados à “produção” dos acontecimentos. Salientamos, ainda, a relevância, para o exercício da interpretação, de uma abordagem que considere os mecanismos ideológicos em sua relação com a linguagem.

A metodologia deste trabalho foi definida levando-se em con-

sideração o embasamento teórico do campo de estudos de Análise de Discurso (doravante AD). Assim sendo, o método dessa pesquisa foi o da AD, que visa “[...] compreender como um objeto simbólico produz sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 65), buscando explicitar “[...] os processos de significação que trabalham o texto; compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento” (ORLANDI, 2012, p. 27). Assume-se, portanto, um caráter interpretativista, visto que a AD é, de acordo com Orlandi (2015, p. 57), um “dispositivo de interpretação”, que se caracteriza por “colocar o dito em relação ao não dito”, percebendo que produzem igualmente efeitos de sentido em um discurso, este inserido em uma formação discursiva que se estabelece pelo posicionamento ideológico do sujeito.

Além da materialidade verbal, analisamos também as imagens que foram veiculadas nos sites, considerando-as relevantes, uma vez que elas provocam efeitos de “transparência e de evocação” nos sujeitos leitores, pois é muito difícil fugir à “impressão de transparência da imagem” (CHARAUDEAU, 2010). A imagem, de acordo com Charaudeau (2010, p. 255), “[...] nos traria a realidade tal como ela existe, em sua autenticidade”, atrelando a ela este efeito de transparência, que não se dissociaria da realidade social. Provoca-se, também, um efeito de evocação, pois ela “desperta em nossa memória pessoal e coletiva, lembranças de experiências passadas sob a forma de outras imagens”. Assim sendo, trata-se a imagem como materialidade que, no funcionamento das mídias, ajuda a trazer uma aparência de “autenticidade”, por assim dizer, ao discurso.

Encontramos suporte teórico na Análise de Discurso de linha francesa, em especial com os seguintes autores: Michel Pêcheux – fundador desta disciplina (1995; 2017), EniOrlandi (2015; 1998; 1993; 1996), Cleudemar Fernandes (2005), Fernanda Mussalim (2012) e Patrick Charaudeau (2010); bem como com a contribuição de Louis Al-

thusser (1998).

O presente artigo está organizado em três tópicos. No primeiro, abordamos os recursos linguísticos e a produção de sentidos, enfatizando como se constrói o sentido na perspectiva da Análise do Discurso, bem como as noções de formações discursivas e condições de produção. No segundo, focalizamos a produção de sentidos especificamente na mídia e o funcionamento do jornalismo sobre política. Por fim, no último tópico, analisamos a produção de sentidos em três matérias jornalísticas sobre a manifestação de 13 de março de 2016: *Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma* (G1); *Um ano após primeiros protestos, atos contra governo têm público recorde em todo o País*,(R7); e *Atos da direita não foram grandes como imprensa gostaria* (Esquerda Diário).

1. OS RECURSOS LINGUÍSTICOS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Este artigo, conforme mencionado, tem como referencial teórico e metodológico a Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux. Tendo seu início na França nos anos 60 do século XX, a AD é considerada uma disciplina de caráter transdisciplinar, visto que se constitui da relação entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Desse modo, mobilizamos conceitos fundamentais, como sentido, formação discursiva, condições de produção, sujeito e ideologia, para analisar as três matérias jornalísticas, tentando perceber além dos recursos linguísticos que foram utilizados, uma vez que, diferentemente de outras abordagens linguísticas, a AD trabalha o discurso e não só a superfície textual. Investiga-se, em especial, o modo como a ideologia, a história e o inconsciente estão materializados na língua, pois o discurso, como afirma Fernandes (2005, p.12), “[...] implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve

questões de natureza não estritamente linguística”. De acordo com Orlandi (2015, p. 15), em AD trabalha-se com a relação entre língua, discurso, ideologia e sujeito.

A Análise de Discurso diferencia-se, assim, de abordagens da Linguística Estrutural, segundo Pêcheux et. al. (2017), por se encarregar de questões acerca do sentido, relacionando-o com o discurso e com a ideologia, tendo em vista que o discurso, para a AD, diz respeito ao sujeito falando e não apenas à língua enquanto sistema. Desse modo, Pêcheux et. al. (2017) propõem uma semântica discursiva que não analisa apenas as relações entre os signos, mas a organização dos elementos linguísticos em um determinado discurso, pois só é possível entender os sentidos a partir da relação do discurso com as condições ideológicas, sociais e históricas nas quais este é produzido.

O âmbito das reflexões discursivas, segundo Orlandi, (1996, p. 12) é o “fragmentário, o disperso, o incompleto, o não-transparente”. Assim sendo, nos estudos discursivos, afirma-se que não há “transparência da linguagem” (ORLANDI, 2015, p. 26), porque não se trabalha meramente com os “conteúdos”, mas com “os processos de constituição da linguagem e da ideologia” (ORLANDI, 1998, p. 30), os quais produzem, constituem relações de sentidos. Não se entende o “sentido” como uma representação individual do que “o texto quer dizer” em vista de não se procurar “[...] atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado” (ORLANDI, 2015, p. 16). Assume-se “[...] a noção de sentido compreendida como efeito de sentidos entre os sujeitos em interlocução” (FERNANDES, 2005, p.13), a qual “[...] vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso” (MUSSALLIM, 2012, p. 155), produzindo tais efeitos por meio da interação da linguagem. E esses efeitos de sentidos produzidos pelo discurso constituem-se em relação com as ideologias, com a forma como os sujeitos percebem a realidade social e política na qual estão inseridos.

Fernandes (2005, p. 19) explica que, com a noção de sentido, “[...] nega-se a idéia de mensagem encerrada em si; [tal noção] contesta a imanência do significado”, ou seja, como a prática da linguagem é pensada na interação entre interlocutores, o sentido não se encerra, não está fechado, é uma questão aberta e o “[...] gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio” (ORLANDI, 1998, p. 18). Reforça-se, dessa forma, que o significado não pode ser considerado absoluto, e que “[...] as sequências linguísticas possíveis de serem enunciadas por um sujeito circulam entre esta ou aquela formação discursiva que compõem o interdiscurso” (MUSSALIM, 2012, p.154). Portanto, tornam-se possíveis diferentes efeitos de sentidos quando os sujeitos produzem seus discursos em determinados lugares e posicionamentos ideológicos.

Outra noção fundamental à Análise de Discurso é a de formações discursivas, pois é a partir delas que emergem os diferentes discursos. Como destaca Orlandi (2015, p. 41), tal noção “permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”, funcionamento este que “não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção” (ORLANDI, 1996, p. 117). A partir desse pressuposto, entendemos que as palavras produzem sentidos diferentes a depender dos posicionamentos a partir dos quais os sujeitos enunciam; e os sentidos se legitimam a partir dessas posições que integram formações discursivas. Orlandi ressalta ainda que um texto “[...] pode ser atravessado por várias formações discursivas que nele se organizam em função de uma dominante” (ORLANDI, 2015, p. 68), de modo que é preciso determinar a que formações discursivas estes discursos se alinham, se quisermos compreender o seu funcionamento e seus

sentidos.

Orlandi (2015, p.41), baseando-se em Pêcheux, afirma ainda que a formação discursiva “[...] se define como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito”, ou seja, aquilo que é aceitável em lugar e época específicos e que enquadra os enunciados que são produzidos pelos sujeitos em determinadas posições ideológicas. Dessa maneira, os sentidos não existem de forma isolada e unívoca; eles se constituem na relação indissociável com as formações discursivas nas quais as produções estão inscritas.

Trabalhando com a ideia de que em Análise de Discurso o contexto imediato e o contexto político, histórico e ideológico são determinantes para a constituição de um discurso e de seus sentidos, outra noção fundamental em AD que comentaremos brevemente é a de condições de produção. De acordo com Orlandi (2015, p. 28), essa noção “[...] compreende fundamentalmente os sujeitos e a situação”, podendo ser considerada de duas formas: a) em sentido mais restrito, como as circunstâncias de produção dos enunciados, ou seja, a relação do discurso com o contexto imediato; b) e também, em sentido mais amplo, incluindo o contexto social, histórico e ideológico nos quais os enunciados são produzidos. Fernandes (2005, p. 19) afirma ainda que esse sentido mais amplo envolve, possibilita ou determina a produção do discurso; tratando-se, assim, de uma relação da linguagem com a exterioridade. Tal exterioridade, para os estudos discursivos, conforme Orlandi (1998, p. 38-39), não se trata de algo propriamente “fora da linguagem”, e sim uma instância que é “[...] suprimida para intervir como tal na textualidade”, portanto, entende-se assim como “exterioridade discursiva”, uma vez que é “[...] no discurso que o homem produz a realidade com a qual ele está em relação”.

Compreendemos que o discurso midiático, como toda prática

discursiva, constitui-se sempre da perspectiva de um sujeito/ de uma instituição sobre a realidade e não da representação da realidade em si. Ressaltamos aqui que não nos referimos à “veracidade” ou à “não veracidade” dos acontecimentos; e sim ao fato de que em AD não há possibilidade de discurso imparcial, tendo em vista que todos os discursos são interpelados sócio, histórica e ideologicamente. Nesse sentido, é necessário pensar a mídia enquanto instituição que constitui, interpela o sujeito.

2. ESPECIFICIDADES DO DISCURSO MIDIÁTICO

Antes de discorrermos acerca dos Aparelhos ideológicos do Estado (AIE), explicitaremos, basicamente, a noção de ideologia, na perspectiva do materialismo histórico. De acordo com Pêcheux (1995, p. 144), baseando-se em Althusser, as ideologias “não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas”, tendo em vista que têm “uma existência material”. E esta existência material encontra-se no discurso, pois a “[...] materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2015, p. 15). A linguagem, concebida discursivamente, é opaca e, com relação a esse funcionamento, Pêcheux (1995, p. 160) afirma que é a ideologia que produz a ilusão do sentido, ou seja, as “[...] evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’”.

Uma das perspectivas importantes para a construção da teoria da AD é a dos *Aparelhos Ideológicos do Estado*, de Althusser (1998, p. 68): “[...] um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições”, como, por exemplo, a religião, a escola, a família, o sindicato e a mídia. Estas instituições funcionam, de acordo com Althusser (1998, p. 70-71), principalmente

pela ideologia e mesmo que sejam distintas estão a serviço da ideologia dominante. Pêcheux (1995, p. 145), retomando Althusser, afirma que os AIE “[...] são o lugar e meio da realização” da ideologia das classes dominantes, mas que não são “[...] puros instrumentos da classe dominante” uma vez que são “[...] o palco de uma dura e ininterrupta luta de classes” (ALTHUSSER, 1998, p. 106). Dessa forma, considera-se importante apresentar, introdutoriamente, esta perspectiva, uma vez que as materialidades discursivas analisadas neste artigo foram produzidas e veiculadas em um desses aparelhos.

Ressaltamos que, no contexto político atual, a *internet* funciona como um importante meio de informação, sendo uma mídia fluida que propaga notícias de várias fontes. Nessa conjuntura, é difícil definir categoricamente uma ideologia dominante que se propagaria através de uma mídia totalmente controlada ou ligada ao Estado, uma vez que os veículos de informação são heterogêneos e de circulação rápida na *internet*; pode-se considerar, ainda, a polarização da sociedade brasileira, que, de certa maneira, parece estar cada vez mais dividida entre os chamados “de direita” e “de esquerda”. Embora seja possível haver a influência do governo sobre a mídia, trata-se de uma conjuntura diferente da que funcionaria em um regime totalitarista, por exemplo. Destacamos, além disso, que a interpelação ideológica é um ritual com falhas (PÊCHEUX, 1995, p. 300-301), não funcionando como uma “máquina” de assujeitamento, em que uma ideologia considerada “dominante” é propagada de modo perfeito.

Entender as notícias que são veiculadas na *internet* como discurso já é entendê-las como produções que não são neutras, tampouco imparciais, pois se constituem a partir de uma interpelação sócio-histórico-ideológica. Orlandi (1998, p. 96) afirma que a mídia é “[...] um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem”, uma vez que ela já direciona, “impõe [...] gestos de interpretação”, ou

seja, nesse modo de circulação, os sentidos já estão, de certo modo, determinados pelo modo como uma formação discursiva os coloca em funcionamento. Entretanto, como o homem, em geral, precisa “[...] basear sua relação com o mundo em um ‘crer ser verdade’” (CHARAUDEAU, 2010, p. 48), a informação costuma provocar nele, mesmo que estes sentidos estejam consciente ou inconscientemente “impostos”, o que Charaudeau (2010, p. 49) chama de “efeito de verdade”, que não está baseado na ilusão de verdade, mas sim em uma convicção, uma vez que “[...] está mais para o lado do ‘acreditar ser verdadeiro’ do que para o do ‘ser verdadeiro’”.

Os efeitos de verdade, consoante Charaudeau (2010, p. 49), estão embasados em um “dispositivo enunciativo de influência psicosocial”, ou seja, os parceiros na enunciação procuram fazer com que o outro acredite em seu “universo de pensamento e de verdade”. Mas o que se busca, em geral, não é “verdade em si” e sim a “credibilidade” que valida esta informação. Ainda de acordo com Charaudeau, (2010, p. 50) os efeitos de verdade do discurso da informação são modulados segundo alguns aspectos, a saber: por “razões pelas quais uma informação é transmitida”, por “traços psicológicos e sociais” de quem informa, como também pelos “meios que o informador aciona para provar sua veracidade”. Assim, com esses aspectos determinados e validados (ressaltando que não é necessário, obrigatoriamente, que sejam todos os aspectos de uma vez) por algum sujeito ou por alguma instituição, a informação aciona nos sujeitos o efeito de verdade.

Segundo afirma Charaudeau, (2010, p. 131) “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista” de um sujeito ou de uma posição sujeito de uma instituição. Desse modo, a informação é construída pelo discurso midiático, uma vez que “sempre que tentamos dar conta da realidade, empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade” (CHA-

RAUDEAU, 2010, p. 131). E com base nisso se dá o “acontecimento midiático”, que, para Charaudeau (2010, p. 150), se constrói por três critérios, o de “atualidade”, uma vez que a informação deve estar relacionada à temporalidade do “sujeito-informador-informado”; o de “expectativa”, pois a informação deve despertar, “captar o interesse do sujeito alvo”; e, por último, o de “socialidade”, pois a notícia deve se referir ao que “surge no espaço público”.

Em uma notícia, portanto, não se trata de transmitir as informações tal como elas teriam ocorrido na realidade, pois o discurso midiático não é “[...] reflexo do que acontece no espaço público e sim o resultado de uma construção” (CHARAUDEAU, 2010, p. 151), uma vez que a linguagem é opaca e a (re)constituição do acontecimento obedece a critérios (determinados por uma formação discursiva), meios e modos utilizados para que ocorra a construção desse discurso acerca da realidade. O autor explicita, assim, que “[...] a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que esta visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo”. É por isso que, em geral, tem-se a evidência de que os discursos midiáticos são neutros, imparciais e que não interpelam, constituem os sujeitos, como também a ilusão de que as instituições não são interpeladas por ideologias.

Corroborando com o autor, Mariani (1993, p. 33) ainda afirma que o discurso jornalístico “[...] enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta, transforma e divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade”. Distancia-se, portanto, da suposta neutralidade, da imparcialidade que eventualmente se costuma atribuir às notícias, uma vez que assim como quaisquer outras práticas discursivas o discurso jornalístico “constrói” a realidade, captando, transformando e divulgando acontecimentos.

Destaca-se, aqui, que entender os discursos midiáticos como

“construção da realidade” e não como a “realidade em si” não é entendê-los como mentiras ou invenções, uma vez que a mídia desempenha um “[...] papel importante de informação no funcionamento de nossas democracias [...] mantêm um espaço de cidadania” (CHARAUDEAU, 2010, p. 252), sendo essencial para uma sociedade democrática de direitos e deveres. Referimo-nos, de outro modo, a como a Análise de Discurso compreende o funcionamento dos discursos.

3. ANÁLISES

Antes de iniciarmos as considerações analíticas, destacamos que não se trata de uma análise neutra, uma vez que estamos em um posicionamento teórico, metodológico e ideológico: o de analista de discurso; e que não pretendemos, aqui, uma análise fechada, ou concluída a respeito desta materialidade discursiva, uma vez que a análise, para Análise de Discurso, não é um produto e sim um processo, um efeito de sentido. Abre-se, dessa forma, a possibilidade de retornos à materialidade discursiva e a esta pesquisa para outros estudos e enfoques.

3.1 “Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma” (G1)³

O texto foi publicado pelo G1 no dia 13 de março de 2016, mesmo dia da manifestação, e atualizado no dia seguinte. O portal coloca em destaque na sua manchete o quão grande foi o protesto e todo o corpo do texto segue essa linha de ‘maior manifestação’, utili-

³ Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html> > Acesso em: 02 out. 2017.

zando, a fim de comprovar tal qualificação: gráficos de comparações com manifestações anteriores; quantidade de participantes estipulados por organizadores, Polícia Militar e Datafolha; e também um resumo do acontecimento em cidades dos 26 estados e no Distrito Federal. Nos resumos das manifestações nas cidades do país, a maioria dos estados vem acompanhada de imagens, que ajudam a legitimar a “veracidade” do discurso.

As imagens presentes no portal são, em sua maioria, panorâmicas, transmitindo uma noção de imponente e mostrando uma grande quantidade de pessoas. Isso ocorre para comprovar, ratificar o que o texto verbal afirma, isto é, a caracterização de ser a maior manifestação que ocorreu no país, provocando nos leitores, desse modo, este efeito de sentido de “maior protesto”, “protesto grandioso”. Como se observa abaixo:

Protesto contra Dilma na Avenida Paulista (Foto: Miguel Schincariol/AFP)⁴

⁴ Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html> > Acesso em: 02 out. 2017.

Podemos observar que na imagem há um boneco representando o ex-presidente Lula vestido de presidiário, além de uma faixa em verde e amarelo representando o nacionalismo. Destacamos também o próprio fato de a manifestação estar ocorrendo na Avenida Paulista, que evoca uma memória enquanto local de grandes e importantes manifestações. São construídos, assim, símbolos que “representam” estas manifestações como grandiosas, pacíficas, nacionalistas, e contra figuras políticas específicas.

O G1 descreve que as manifestações “foram pacíficas, com poucos incidentes isolados em algumas cidades”, o que pode produzir um efeito de sentido de que foi um protesto “exemplar”. Há, ainda, um não dito que pode vir a ser suscitado: o de que as outras manifestações não costumam ser assim ou que deveriam ser como as descritas na notícia. Cria-se, então, um efeito de pacificidade, que ajuda a atribuir um teor positivo às manifestações em questão.

Para demonstrar certa “neutralidade”, a matéria menciona no subtítulo e em pequenos trechos do texto que houve, também, “atos de apoio ao governo”. Esses atos, da forma como apresentados, ficam em segundo plano. Por exemplo, as imagens, que também funcionariam para autenticar que esses atos ocorreram e para mostrar a quantidade de pessoas participantes desses atos, agem no sentido de desqualificar tais manifestações, uma vez que nas fotos temos um pequeno e relativamente disperso grupo de pessoas usando roupas de cor vermelha, que é a cor símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT). O lugar em que ocorrem esses atos, Polo de Lazer de Parangaba, pode também produzir um efeito de desqualificação, uma vez que se pode vir a sugerir a aparente “dimensão” deste lugar em comparação com os lugares em que estavam ocorrendo as outras manifestações (a Avenida Paulista, por exemplo).

Manifestantes fazem ato de apoio ao ex-presidente Lula no Polo de Lazer de Parangaba, em Fortaleza (Foto: Gioras Xerez/G1)⁵

Outro ponto destaca-se na notícia: construir um efeito “verdade” e “neutralidade” traduz-se em apresentar números – mesmo que, em geral, bem diferentes – de participantes, com base nas instituições, como mencionamos, a Polícia Militar, os movimentos organizadores e, em alguns casos, o Datafolha. Com relação à capital paulista, por exemplo, os trechos que apontam a quantidade de pessoas que participaram da manifestação são estes: “a Polícia Militar estima que cerca de 1,4 milhão de pessoas”; para o Instituto Datafolha “o protesto reuniu 500 mil pessoas”; e um dos organizadores do movimento Vem Pra Rua (um dos que convocaram para a manifestação, como vemos no nome) “contabilizou 2,5 milhões de pessoas na Avenida Paulista”. Nota-se que, ao trazer dados de instituições diferentes, pode-se provocar o efeito de que se trata de um fato atestado, indiscutível.

⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contragoverno-dilma-ocorrem-pelo-pais.html> > Acesso em: 02 out. 2017.

Ressaltamos ainda algumas colocações da notícia, como, por exemplo, protestos “contra o governo Dilma”, na manchete; ou “Manifestações contra a presidente da República, Dilma Rousseff (PT), o ex-presidente Lula e o PT”. Desse modo, vê-se que nesse discurso as manifestações parecem configurar-se contra figuras específicas e não contra o governo de forma geral (considerando-se que o país não tem apenas um partido nas posições de poder; vale lembrar que no momento em que ocorrem as manifestações a presidente e o vice eram de partidos diferentes). Com essas observações, percebe-se que o portal produz um efeito de sentido de se associar de imediato esses protestos a figuras específicas, construindo, talvez, um tom negativo a respeito destas.

O portal dá voz a um coordenador da manifestação contra o governo, em Copacabana no Rio de Janeiro. Ele afirma que “Mais de 1 milhão de pessoas por um Brasil sem PT, por um Brasil com impeachment”. Vê-se nessa fala um posicionamento claro que não se dá somente contra os corruptos do país independentemente da filiação partidária e sim contra um partido e contra a presidente que é desse partido. Mesmo com o destaque afirmando que foi a fala de um dos organizadores e não do portal, colocar a fala desse manifestante na notícia já é uma forma de direcionar as possíveis interpretações dos leitores.

Percebe-se, portanto, que a notícia publicada pelo G1 alinha-se a uma formação discursiva que, em geral, representa as manifestações do dia 13 de março de 2016 de maneira positiva, constituindo, assim, um posicionamento contrário ao governo até então vigente, mesmo que de forma não declarada.

3.2 “Um ano após primeiros protestos, atos contra governo têm público recorde em todo o País” (R7)⁶

A matéria foi publicada no dia 13 de março de 2016 e atualizada no dia seguinte. O portal não menciona, como o anterior, o nome da presidente no título ou no subtítulo do texto. Porém, funcionam como sinônimos, na notícia, as expressões “contra o governo” e “contra a corrupção”, o que produz um efeito de sentido de afirmar que todo o governo da época (e, por consequência, sua líder) é corrupto. No subtítulo da notícia, há também afirmações de que as manifestações “foram pacíficas”, dando maior realce a essa questão. Destaca-se com esse recurso lexical a construção do tom “positivo” aos protestos, em comparação, mesmo que implícita, a protestos que supostamente sejam violentos.

Percebe-se, com o título e com o decorrer do texto, que o portal faz um panorama diacrônico afirmando que a adesão às manifestações vem crescendo, como se vê também no trecho adiante: “um ano depois, os protestos contra a corrupção tomaram as ruas pela quinta vez em centenas de cidades do Brasil”. Reaviva-se, na memória do leitor, que desde o primeiro ano do segundo mandato ocorreram protestos e que um ano depois eles aumentaram e tem “público recorde”, o que pode produzir, como efeito de sentido, a interpretação de que a insatisfação contra o governo vem crescendo significativamente em todo o país. Isso se nota também na afirmação que se refere ao público presente nas manifestações em Brasília: “este se tornou o maior protesto nos dois mandatos da presidente Dilma Rousseff”.

⁶ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/um-ano-apos-primeiros-protestos-atos-contra-governo-tem-publico-recorde-em-todo-o-pais-14032016>> Acesso em: 02 out. 2017.

Em geral, direciona-se o sujeito leitor a ser interpelado por esse posicionamento, instigando-o, assim, a uma adesão a essa insatisfação contra o governo federal.

O R7 utiliza, também, algumas imagens de forma panorâmica para ratificar a informação do texto verbal e faz um resumo geral da manifestação em algumas cidades, não de todos os estados, como no G1. Entretanto, salienta-se que o número total de participantes varia em comparação com a notícia anterior, como vemos a seguir: segundo o G1, “a Polícia Militar contou 3,6 milhões de pessoas” em todo o país e os organizadores “6,9 milhões”; já de acordo com o R7, “as polícias militares estimam que cerca de 3 milhões de pessoas foram às ruas” e o movimento Vem Pra Rua (um dos organizadores) atestou “5 milhões”. Percebe-se, até aqui, que a partir da análise de duas materialidades discursivas, produzidas por instituições que figuram entre as mais influentes no país (considerando-se o meio televisivo), ratifica-se a posição teórica de que o discurso é a “construção da realidade” e não “a realidade em si”.

Para, talvez, construir uma imagem de neutralidade e de imparcialidade que é própria do discurso jornalístico, o portal, diferentemente do anterior, traz uma breve declaração da presidente na qual ela afirma que a “liberdade de manifestação é própria das democracias e por todos deve ser respeitada”. Destaca-se, ainda, o caráter pacífico da manifestação, afirmando ser “a maturidade de um país que sabe conviver com opiniões divergentes”, o que pode conferir um efeito “positivo” aos protestos, além de oposição à figura que é o “alvo principal” destes. Outro ponto importante é que mesmo destacando a pacificidade do protesto, menciona-se no decorrer do texto que três manifestantes a favor do governo foram “hostilizados”, “ameaçados de agressão por manifestantes presentes no protesto”; tal menção ajuda a ratificar, pela ilusão de neutralidade e imparcialidade, o

efeito de verdade.

A matéria dá voz, também, a pessoas “de todas as idades”, na manifestação que ocorreu na Avenida Paulista, e destaca: “Saiba o que **os brasileiros** têm a dizer sobre esse momento de **crise** e seus impactos na democracia nacional” (grifos nossos). O substantivo pátrio produz uma imagem de adesão geral dos brasileiros; e o outro substantivo age no sentido de resumir (e constatar, como um efeito de verdade) a situação política conturbada em que o país se encontrava, na qual ocorriam denúncias de grandes roubos dos cofres públicos. Depois da citação anterior, o site coloca o nome das pessoas, as idades e as profissões, a saber: primeiro, um homem de 39 anos, ator; segundo, uma mulher de 57 anos, esteticista; terceiro, uma mulher de 39 anos, professora; e, quarto, uma mulher de 56 anos, do lar. Ocorre aqui um efeito de sentido de uma representatividade, como se as pessoas em geral, as classes sociais em geral, estivessem engajadas na causa, em manifestações contra o governo do país.

Outro ponto a ser destacado é que, diferentemente do portal anterior, este menciona que as manifestações também ocorreram fora do país, o que em geral pode produzir efeito de sentido de “grandiosidade” ainda maior às manifestações, como também evidência de sentido, para outros posicionamentos discursivos, de que o protesto seria algo elitista; isto é, pessoas com boas condições, até vivendo fora do país, estavam se manifestando. Isso mostra que o mesmo fato pode ser interpretado de duas formas diferentes, a depender da formação discursiva em que os sujeitos estão inscritos (de forma positiva, como sinal de grandiosidade, e de forma negativa, como sinal de elitismo).

As reportagens são associadas, no fim da matéria, a nomes individualizados de pessoas que trabalham para o portal de notícias, mas não há o nome de um editor; este funciona como o próprio por-

tal. Desse modo, esses sujeitos estão escrevendo, estão sendo determinados por uma posição “fornecida” pela instituição. E o portal constrói uma posição sujeito editor interpelado pela formação discursiva da mídia digital em questão e produzindo os efeitos de sentidos determinados por esta instituição midiática.

3.3 “Atos da direita não foram tão grandes como a imprensa gostaria” (Esquerda Diário)⁷

Na terceira notícia analisada, publicada no dia 14 de março de 2016, percebe-se o sujeito autor em uma posição de confronto em resposta às notícias veiculadas pela chamada “grande mídia” a respeito do acontecimento. Sujeito este que se coloca em uma posição não de neutralidade e sim de “dono da verdade”. Trata-se de uma matéria jornalística que, diferentemente das outras aqui analisadas, explicita uma mescla entre “informação” e “opinião”. Com um posicionamento explícito de esquerda, como podemos ver logo no nome do *site*, há também a assinatura de uma pessoa como autor, o que fortalece o posicionamento do *site*, um posicionamento de um sujeito autor interpelado por determinada formação discursiva. Vê-se logo no título da notícia a escolha lexical “atos de direita” e não “manifestações” ou “protestos”, como os das materialidades discursivas anteriores. Aqui, além de não se conferir um tom de grandiosidade ao acontecimento, percebe-se também que se atribui um posicionamento político aos que participaram desses atos como sendo “de direita”.

As imagens funcionam de forma análoga ao que ocorre nas notícias anteriores, reforçando o texto verbal, como um “retrato da rea-

⁷ Disponível em: < <http://www.esquerdadiario.com.br/Atos-da-direita-nao-foram-grandes-como-imprensa-gostaria> > Acesso em: 02 out. 2017.

lidade”, mas para fins diferentes, uma vez que o texto verbal nos apresenta um posicionamento contrário aos já analisados. Nos portais anteriores, legitimava-se com as imagens o caráter de grandiosidade dos acontecimentos; já nesta matéria, afirma-se a “seletividade” dos manifestantes: eram “quase totalmente de classe média branca acima dos 40 anos” e a manifestação foi grande porque a “classe média branca de direita saiu mais massivamente e não porque trabalhadores, a juventude e o povo pobre e negro tenham aderido”. Outro ponto que as imagens procuram atestar é o número de pessoas que participaram dos protestos, com um enquadramento aéreo mostrando que, ao menos dessa perspectiva, não havia tantas pessoas quanto nas imagens dos portais G1 e R7.

Disponíveis em: < <http://www.esquerdadiario.com.br/Atos-da-direita-nao-foram-grandes-como-imprensa-gostaria> > Acesso em: 02 out. 2017.

Disponíveis em: < <http://www.esquerdadiario.com.br/Atos-da-direita-nao-foram-grandes-como-imprensa-gostaria> > Acesso em: 02 out. 2017.

Nas imagens, funcionando como materialidades significantes, destacamos também a bandeira do país, as roupas que remetem ao uniforme da seleção, a foto do juiz Sérgio Moro estampada nas camisas, bonecos do ex-presidente com roupa de presidiário. São construídos, assim, símbolos de como se configuraram estas manifestações, com certa “seletividade” dos participantes (aspecto enfatizado pelo posicionamento discursivo do *site* Esquerda Diário), o nacionalismo fortemente pregado e certo heroísmo atribuído ao juiz.

Observa-se, na matéria em análise, que o sujeito autor, interpelado pela formação discursiva do *site*, posiciona-se de maneira mais explícita/ declarada, a respeito do que a “grande imprensa” afirma acerca do acontecimento. Há trechos como, por exemplo: “Maior manifestação da história do país? Piada”; afirma-se que as informações da “grande mídia, da PM e dos organizadores” são “uma infinidade de mentiras” e que “É pra rir de tamanho descaramento”. No que se refere a outros políticos, destaca-se que é “Irônico, ridículo, o quão pouco aparecia Cunha e nem falar então Aécio, Alckmin e outros corruptos da direita”. E, por fim, ao afirmar que os “os trabalhadores

e a juventude estiveram praticamente ausentes”, considera “uma boa notícia neste dia marcado pelas manifestações da direita”.

O sujeito autor, como observado nas colocações acima, desqualifica as manifestações e não reivindica para si um efeito de sentido de neutralidade, de imparcialidade, que é próprio da formação discursiva midiática, em geral. Há outros aspectos que agem nessa mesma direção, como o emprego de adjetivos pejorativos e de uma linguagem relativamente mais informal (se comparada às matérias anteriores); a partir disso, interpretações diferentes podem ser produzidas a depender das formações discursivas envolvidas (de um lado um questionamento acerca da veracidade das outras matérias – a explicitude do posicionamento vista positivamente como “franqueza”, “sinceridade” –, e de outro uma atitude de questionar essa notícia que se posiciona tão diretamente – a explicitude vista como “não distanciamento”, “falta de seriedade jornalística”).

Para demonstrar o que considera a “farsa dos números” de participantes das manifestações calculados pelas PMs e Organizadores, o portal traz cálculos específicos do site para confrontar o número participantes em São Paulo e no Rio de Janeiro. Com a afirmação de que os “organizadores e as PMs inflam sistematicamente os números das manifestações de direita”, os cálculos do Esquerda Diário para as manifestações na Avenida Paulista são de “aproximadamente 346 mil”, o da PM é de “1.5 milhão” de pessoas e, segundo o Datafolha, de “450 mil”. Desse modo, constituindo-se este sujeito autor em um efeito de verdade, produz-se para o sujeito leitor, assim, uma evidência de sentido, isto é, de que este discurso é o “verdadeiro”.

Outro ponto a ser destacado é que, diferentemente das notícias anteriores, nesta há a inserção de marca de primeira pessoa ao fim da notícia: “Nós do MRT seguimos dizendo que [...]”. O sujeito autor se declara membro do Movimento Revolucionário de Trabalha-

dores (MRT) e adiante traz enunciados com o tamanho da fonte maior que a do corpo da notícia, entre aspas, de caráter declaradamente engajado e militante, como vemos em alguns trechos: “É necessário barrar o impeachment dessa direita reacionária que saiu às ruas hoje”; “O fortalecimento dessas instituições vai se voltar contra os trabalhadores”; “A juventude e os trabalhadores precisam encabeçar um grande movimento nacional”; e “Essa luta se liga à batalha por um governo dos trabalhadores”. Atesta-se, assim, que este sujeito, interpelado pela formação discursiva à qual o portal se alinha, constrói, com o seu discurso, uma imagem do acontecimento bastante diferente em relação à que é construída nos outros dois portais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo, embasando-se teórica e metodologicamente na Análise de Discurso de linha francesa, refletir acerca da construção dos sentidos em três matérias jornalísticas veiculadas pela mídia digital acerca das manifestações que ocorreram no Brasil no dia 13 de março de 2016. Observou-se, a partir da análise das materialidades discursivas, a maneira como os recursos linguísticos e as imagens veiculadas nos discursos, em formações discursivas distintas, desencadearam diferentes efeitos de sentidos. Desse modo, pudemos verificar o modo como diferentes matérias da *internet* construíram diversificados sentidos sobre o mesmo acontecimento.

O portal de notícias G1 apresentou o acontecimento como “grandioso”, seguindo em todo o discurso a linha de ‘maior manifestação’, e para tanto utilizou gráficos, os números de participantes de diferentes fontes e também as imagens para ratificar o texto verbal, pois estas funcionam como efeito de transparência, que não se dissociaria da realidade social. O *site* utilizou também algumas colocações,

como mencionar que houve “atos de apoio” ao governo, para criar o efeito de verdade e de neutralidade e imparcialidade. O portal atribuiu às manifestações um aspecto pacífico, atrelando-as a um efeito de verdade de que foram positivas, constituindo, assim, um posicionamento contrário ao governo até então vigente, mesmo que de forma não declarada.

O R7, no discurso analisado, fez um panorama diacrônico, afirmando que a adesão às manifestações foi crescendo, utilizou as imagens para “demonstrar” a grande quantidade de público presente, além de um pronunciamento da então presidente, produzindo como efeito o sentido de um discurso neutro e imparcial. Mas associou os termos manifestações “contra o governo” e “contra a corrupção” como sinônimos, o que pode produzir o efeito de sentido de que todo o governo da época (e, por consequência, sua líder) é corrupto. Menciona, também, a pacificidade dos protestos, dando-lhe um “tom” positivo e, com a utilização de alguns recursos, cria o um efeito de sentido de uma representatividade.

No *site* Esquerda Diário, pode-se notar que, diferentemente das anteriores, essa matéria assume para si uma mescla entre informação e opinião, uma vez que há um posicionamento evidente “de esquerda” do sujeito autor em uma posição de confronto em resposta às notícias veiculadas a respeito do acontecimento. Usa imagens também para ratificar o texto verbal, mas argumentando, diferentemente dos demais, que as manifestações não foram grandiosas como as outras notícias afirmam e que o público era “seletivo”. O sujeito autor não reivindica para si um efeito de sentido de neutralidade, de imparcialidade. Este, interpelado pela formação discursiva à qual o portal se alinha, constrói, com o seu discurso, uma imagem do acontecimento bastante diferente em relação à que é construída nos outros dois portais.

Com as reflexões realizadas acerca das materialidades discursivas, verificamos que o discurso midiático não sustenta, em seu funcionamento, a suposta neutralidade e imparcialidade comumente reivindicada pelos veículos jornalísticos. O discurso midiático, como qualquer outra prática discursiva, não é transparente, uma vez que pensar em discurso nas formações discursivas e nas condições de produção desses discursos é também pensar em sujeito, linguagem, ideologia e inconsciente, inseparavelmente.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ESQUERDA DIÁRIO. Atos da direita não foram tão grandes como a imprensa gostaria. Disponível em: < <http://www.esquerdadiario.com.br/Atos-da-direita-nao-foram-grandes-como-imprensa-gostaria> > Acesso em: 02 out. 2017.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

G1. Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contragoverno-dilma-ocorrem-pelo-pais.html> > Acesso em: 02 out. 2017.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MUSSALIM, Fernanda. *Análise do Discurso*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 2. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. **A semântica e o corte saussuriano**: língua, linguagem, discurso. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php> Acesso em: 09 de jul. 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

R7. Um ano após primeiros protestos, atos contra governo têm público recorde em todo o País. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/um-ano-apos-primeiros-protestos-atos-contra-governo-tem-publico-recorde-em-todo-o-pais-14032016>> Acesso em: 02 out. 2017.

Enviado em: 08/02/2018

Aceito em: 12/03/2019